

---

## A CONSTRUÇÃO DE UM MODELO DE ANÁLISE DO GÊNERO ARTIGO ACADÊMICO EXPERIMENTAL (AAE): ENSINANDO, NEGOCIANDO E COMPARTILHANDO CONHECIMENTOS

---

**Francisco Jeimes de Oliveira Paiva\***

**Resumo:** Neste artigo objetivou-se construir um modelo de análise crítica de gênero (ACG), baseado na descrição e na organização sociorretórica das informações, oriundas de 10 artigos acadêmicos experimentais (doravante AAE's) escritos por estudantes do último semestre do Curso de Letras. Compreende-se, a princípio, que os AAE's são reconhecidos por serem um dos gêneros de grande prestígio na produção, na distribuição e no consumo do conhecimento científico na universidade (SWALES, 1990, 2004; MOTTA-ROTH, 1995, 2001; PAIVA, 2011; PAIVA; DUARTE, 2017), sendo associado a gêneros escritos que reportam a alguma investigação realizada por seus autores, culminando na apresentação de descobertas e na discussão de questões teóricas e metodológicas (BERNARDINO, 2007). As implicações desta pesquisa comprovaram a necessidade de uma formalização na escrita acadêmica e na organização sociorretórica da modalidade de gênero AAE que conjecturou o contexto de produção e recepção na comunidade universitária quanto às normas da ABNT e manuais de redação avaliados.

**Palavras-chave:** Gênero Discursivo. Comunidade Discursiva. Análise Sociorretórica. Artigo Acadêmico Experimental.

### Introdução

Em recentes pesquisas, Paiva e Duarte (2011<sup>1</sup>, 2017) conseguiram formalizar, a partir da expansão da proposta de organização sociorretórica de artigos científicos de Motta-Roth (2001) à luz da perspectiva da abordagem sociorretórica de estudos de gêneros de Swales (1990), um modelo de análise crítica de gênero (ACG) em artigos acadêmicos experimentais (AAE's) escritos por estudantes concluintes do curso de Letras (Língua Portuguesa) da Universidade Estadual do Ceará. Dessa feita, tornou-se evidente o quão necessário são as pesquisas para investigação e descrição das práticas discursivas e de compreensão das práticas de letramentos acadêmicos, em consonância das experiências de escrita desses sujeitos/produtores nas atividades retóricas de escrita universitária na contemporaneidade.

Sabe-se que na área de investigação da ciência linguística, bem como nas ciências sociais e humanas, *lato sensu*, a noção de gênero discursivo tem granjeado uma análise peculiar, em um reconhecimento explícito de sua potencialidade para uma análise integrada não só do processo e do produto textual/discursivo em si, mas também, e necessariamente, de seu papel como expressão privilegiada de práticas com todas as suas implicações (BEZERRA, 2006). Por isso, deu-se tanta importância tanto a interação

---

\* Aluno do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras, da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central, *campus* da Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas. Especialista em Gestão Escolar e Práticas Pedagógicas. Licenciado em Letras pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, *campus* da Universidade Estadual do Ceará. Aluno da Graduação da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira/Unilab (UaB/Capes).

<sup>1</sup> Resultado de pesquisa e coleta de *corpus* durante as atividades como bolsista – Programa de Monitoria acadêmica (PROMAC), da Universidade Estadual do Ceará na Fafidam/UECE.



sociocomunicativa<sup>2</sup>, como também aos conflitos resultantes de relações de poder e de ideologias nas diferentes instâncias de atuação humana, manifestando-se e atualizando-se por intermédio de textos diversos, que, por sua vez, assumem a configuração de gêneros particulares e convencionalizados (PAIVA, 2011; PAIVA; DUARTE, 2017).

Nesse sentido, os estudos sobre gêneros discursivos têm crescido muito, haja vista muitas pesquisas assinalarem novas perspectivas de se avaliar o fenômeno da lingua(gem). Dessa forma, a Análise de Gêneros, em outras palavras, vem propiciando contribuições teórico-metodológicas para avançar na descrição do crescente número de “novos” gêneros<sup>3</sup> que vem sendo praticados nos mais diversos contextos de produção de uma determinada comunidade discursiva<sup>4</sup>.

Em outras palavras, é de Bakhtin (1992) que temos a ideia de relação indissociável entre gênero de discurso e esfera da atividade humana em que é produzida. Por fim, aprendemos dos ensinamentos de Bakhtin que há gêneros mais padronizados e estereotipados e gêneros mais maleáveis, plásticos e criativos. Sendo assim, os gêneros possuem a capacidade de serem reestruturados criativamente de acordo com a habilidade e a competência de seus produtores/consumidores.

Além do mais, John Swales (1981, 1990) com sua perspectiva sociorretórica nos oferece conceitos-chave para o reconhecimento dos gêneros discursivos e das práticas sociais que os envolvem, sendo que a aplicação da sua teoria tem propiciado a construção de subsídios para que os sujeitos/autores da comunidade discursiva acadêmica exercitem esse reconhecimento, identificando as características formais e funcionais, culminando no desenvolvimento da capacidade de produzir textos que realizem com eficácia seus propósitos comunicativos, de acordo com o gênero a que pertencem.

Neste artigo, enfim, consideramos Swales (1990) também como referencial por ser criador do construto teórico, alcunhado modelo CARS. Isso significa que os estudos desse autor, de acordo com Bernardino (2007) têm nos feito entender que a noção de gênero discursivo está intimamente ligada ao conceito de comunidade discursiva que tem como principal critério de classificação o reconhecimento dos propósitos comunicativos comuns e partilhados que regulam a interação. Por fim, nosso objetivo, pautou-se

<sup>2</sup> Machado (2005) quanto a esse assunto discute que as relações interativas são processos produtivos de linguagem. Consequentemente, gêneros e discursos passam a ser focalizados como esferas de uso da linguagem verbal ou da comunicação fundada na palavra.

<sup>3</sup> Segundo Marcuschi (2002) essas *formas discursivas novas*, tais como editoriais, artigos de fundo, notícias, telefonemas, telegramas, telemensagens, teleconferências, videoconferências, reportagens ao vivo, cartas eletrônicas (*e-mails*), bate-papos virtuais, aulas virtuais e assim por diante. Seguramente, esses novos gêneros não são inovações absolutas, quais criações *ab ovo*, sem uma ancoragem em outros gêneros já existentes. O fato já fora notado por Bakhtin (1997, p.295) que falava na 'transmutação' dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro, gerando outro gênero.

<sup>4</sup> A noção de *comunidade discursiva acadêmica* é empregada por professores e pesquisadores que têm a visão de produção de texto como sendo uma atividade social, realizada por comunidades que têm convenções específicas e para as quais o discurso faz parte de seu comportamento social. Dentro dessa visão, com a qual Swales (1990) se afina, o discurso é a expressão do conhecimento do grupo. As convenções discursivas são o meio para a iniciação de membros novos na comunidade, isto é, os novatos são levados a usar de forma apropriada as convenções discursivas reconhecidas pela comunidade (HEMAIS; BIASI-RODRIGUES, 2005).



em construir um modelo sociorretórico de análise do gênero artigo acadêmico experimental (AAE) escritos por concluintes do curso de Letras (língua portuguesa), com base nas orientações e práticas efetivas de letramentos acadêmicos em escrita requeridas pela comunidade discursiva acadêmica (doravante CDA).

## 1 Pressupostos teóricos

Bakhtin (1997) foi instituidor da terminologia gênero do discurso que atualmente fundamenta a maioria dos estudos sobre gêneros discursivos. Isto significa que a desmedida variedade de possibilidades de uso da língua em diversos contextos da atividade humana está diretamente ligada à caracterização dos gêneros do discurso, logo ele afirma que,

[t]odas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as esferas da atividade humana (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Na definição bakhtiniana, o uso da língua efetua-se em forma de enunciados orais e escritos, em função da esfera da atividade humana em que os enunciados sejam produzidos é perceptível à ocorrência de tipos relativamente estáveis de enunciados. Por serem tão variados, há a necessidade de a língua estabelecer essa relativa estabilidade para que, dependendo do local de produção, os gêneros textuais se diferenciem e/ou se ampliem, como ele mesmo diz,

[a] riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se, ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa (BAKHTIN, 1997, p. 279).

Esse teórico, quando trata dessa questão da variedade de gêneros do discurso cita que essa padronização transfere caráter específico e possibilita que a comunicação aconteça de forma clara e objetiva independentemente do local de sua produção. Como nesta pesquisa, estudaremos a estrutura de um gênero textual que se realiza como produção de uma determinada comunidade discursiva, consideramos que o estudo bakhtiniano é crucial para que tenhamos conhecimento da cadeia em que está incluído o gênero discursivo em análise.

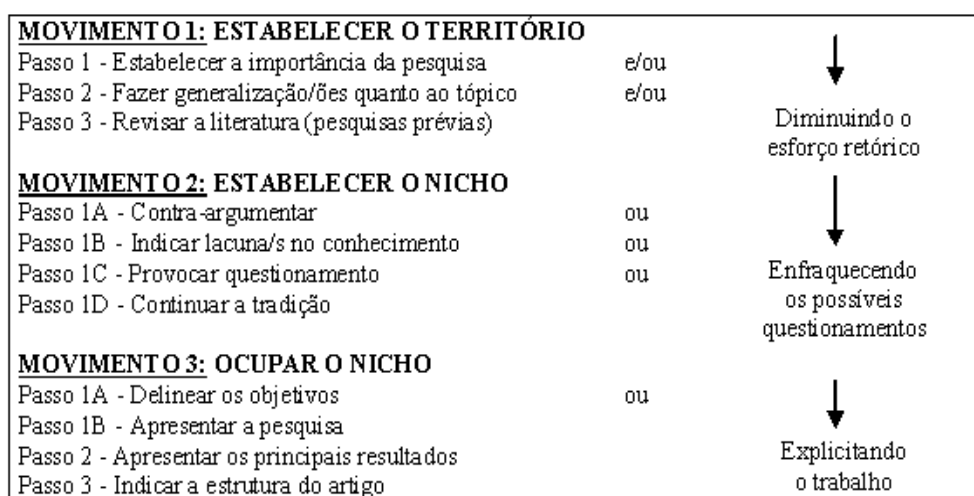
Segundo a perspectiva de Swales (1990, 2001), a *Análise de Gêneros* em termos de análise da organização sociorretórica, está relacionada com a natureza da informação e o modo como o autor coloca essas informações em unidades discursivas para agir em determinada situação sociorretórica. Então, a fim de ensinar produção textual e leitura de uma maneira contextualizada, Swales (1990) desenvolveu o modelo



CARS para analisar a organização sociorretórica<sup>5</sup> de introduções de artigos de pesquisa. Para o modelo, o autor lançou mão de dois conceitos: o de movimento/*movement* (grande ação retórica realizada no texto) e o de passo/*step* (sub-ação que realiza o movimento).

Desse modo, em uma primeira versão, o modelo apresentou quatro movimentos: 1) Estabelecendo o campo de pesquisa (área em que se insere a pesquisa); 2) Sumarizando pesquisas prévias (faz referência a pesquisas já desenvolvidas); 3) Preparando a presente pesquisa (descreve a pesquisa, indicando objetivos, hipótese e métodos); e, finalmente, 4) Introduzindo a presente pesquisa (mostra aspectos relevantes na área desenvolvida).

Em razão de alguns pesquisadores escreverem sobre suas dificuldades em separar o movimento 1 do movimento 2, Swales (1990) revisou o modelo inicial e o atualizou, reduzindo de 4 para 3 os movimentos retóricos das introduções de artigos de pesquisa, mas acrescentando vários passos em cada um dos movimentos, conforme mostra a figura 1 a seguir:



**Figura 1** – Descrição da organização sociorretórica da seção introdutória de artigos acadêmicos (SWALES, 1990, p. 141).

Esse modelo desponta uma arquitetura textual constituída de três movimentos sociorretóricos, preenchidos com diferentes passos, que cumprem funções específicas, relacionadas ao propósito comunicativo da peça genérica por ele descrita. Os três movimentos retóricos são considerados pelo autor obrigatórios em introduções de artigos de pesquisa, porém as partículas “e/ou” e “ou” que aparecem entre os passos indicam a opcionalidade destes. As setas apontando para baixo indicam o movimento de organização das informações, do geral para o particular, em função do esforço retórico dispendido para se chegar aos aspectos específicos que constituem a pesquisa propriamente dita.

<sup>5</sup> Swales (1990) entende a organização retórica, como sendo o modo como o texto realiza propósitos comunicativos.



A utilização do modelo *CARS* nos possibilitou sugerir ao final desta pesquisa um modelo de organização sociorretórica dos AAE's. Deste modo, esse modelo nos permitirá através da observação dos propósitos comunicativos de cada unidade sociorretórica, identificar e classificar as unidades e subunidades sociorretóricas caracterizadoras da distribuição de informações em AAE's produzidos por alunos concluintes do Curso de Graduação em Letras, com o fim de verificarmos a organização sociorretórica desses gêneros escritos nesse espaço de produção escrita de textos acadêmicos.

Nessa perspectiva, em resumo, salientamos que a identificação das unidades sociorretóricas caracterizadoras dessa modalidade de artigo acadêmico, advindas da aplicação do modelo proposto por Swales (1990) nos forneceu mais elementos que contribuíram para a caracterização do gênero artigo acadêmico experimental, formatando um modelo de análise crítica de gêneros (ACD) de estudantes brasileiros.

Em relação a descrição do gênero AAE, Swales (1990) caracteriza os AAE's como textos escritos que contêm também textos não-verbais (tabelas, gráficos, figuras, esquemas e diagramas), geralmente limitado a mais ou menos 10.000 palavras, cujo objetivo são reportarem os resultados de um estudo realizado por um pesquisador ou um grupo de pesquisadores.

É importante salientar que dentro do domínio da CDA, o gênero AAE, segundo Hyland (2000), tem a missão de estabelecer a produção científica em questão como uma novidade para a comunidade disciplinar, reconhecendo as produções anteriores e estabelecendo as hipóteses em questão dentro do contexto geral do discurso disciplinar, além de oferecer garantias sobre as proposições construídas no artigo, demonstrando e construindo o *ethos*<sup>6</sup> disciplinar apropriado e habilidade para negociar com os pares da academia os saberes necessários ao desenvolvimento científico e ao exercício das práticas de letramentos necessários em escrita e leitura de textos acadêmicos.

Explicando os propósitos comunicativos, Bhatia (1993; 1997), *apud* Bezerra (2006, p. 70) salienta que o propósito comunicativo tem a ver exatamente com aquilo que os gêneros realizam na sociedade, admitindo-se, porém, que o propósito de um gênero não é necessariamente único e predeterminado. No conjunto de propósitos comunicativos realizados por um gênero, haverá propósitos específicos ou "intenções particulares" de certos atores sociais, sejam eles os produtores do gênero ou os controladores de sua produção e circulação, como no caso dos gêneros da mídia, por exemplo, ao lado dos propósitos "socialmente reconhecidos".

Quanto aos aspectos estilísticos dos AAE's, Bakhtin (1979, p. 283) acentua que o estilo "está intimamente ligado ao enunciado e a formas típicas de enunciados, isto é, aos gêneros do discurso", ou seja,

---

<sup>6</sup> Segundo Maingueneau (2001), *ethos* é o fenômeno em que, "por meio da enunciação, revela-se a personalidade do enunciador". "São os traços de caráter que o orador deve *mostrar* ao auditório (pouco importa sua sinceridade) para causar boa impressão: são os ares que assume ao se apresentar. [...] O orador enuncia uma informação, e *ao mesmo tempo* diz: eu sou isto, eu não sou aquilo" (MAINGUENEAU, 2001, p. 98).



o vínculo indissociável, orgânico, entre o estilo e o gênero mostra-se com muita clareza quando se trata do estilo linguístico ou funcional. De fato, o estilo linguístico ou funcional nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma esfera da atividade social e da comunicação humana.

Nos manuais de metodologia científica, o estilo recebe acentuado destaque. Isso, todavia, não impede que o estilo seja levemente delineado ao longo das prescrições. Uma provável justificativa para sua presença nos manuais é o fato de fazer parte da constituição do gênero, estando indissolúvelmente ligado ao enunciado, sendo assim, Bakhtin (2003) nos diz que esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua [...]”.

Em suma, o estilo está presente em todo enunciado, apresentando duas concepções, segundo o filósofo russo, enquanto expressão da individualidade do falante e enquanto estilo do próprio gênero do discurso. Sendo assim, esse autor indica que o estilo do enunciado é determinado “pela relação valorativa do falante com o elemento semântico objetual do enunciado”, ou seja, o falante possui suas emoções, seus juízos de valor, que definem sua relação com o elemento semântico-objetual.

No aspecto da estrutura composicional, Swales (1990) define o gênero AAE como um texto escrito (embora, frequentemente, contenha elementos não verbais), geralmente limitado a alguns milhares de palavras, que reporta a alguma investigação feita por seu autor ou autores. Além disso, o AAE irá, geralmente, relacionar as descobertas apresentadas por ele às dos outros pesquisadores e pode, também, expor questões teóricas ou metodológicas. Ele aparece em revistas acadêmicas ou, menos tipicamente, editado em um livro composto de artigos selecionados.

Em sua análise do gênero discursivo AAE, Swales (1990) adota a estrutura textual dividida nas seções de Introdução, Métodos, Resultados e Discussão ou IMRD, conforme originalmente proposto por Swales (1990). Essa divisão do AAE reflete a organização da pesquisa, ou seja, os passos seguidos para sua realização e também possibilita o direcionamento do leitor para os pontos de seu interesse no texto.

A estrutura *IMRD* tornou-se padrão para o AAE, por adequar-se aos relatos originais de pesquisa e/ou seguir "o ciclo lógico da pesquisa indutiva" (DODD, 1986, p.2). Tal estrutura lógica parece facilitar a leitura rápida, vindo esse aspecto a ser importante para os cientistas que, a cada dia, precisam ler mais material de maneira cada vez mais veloz. Essa estabilidade estrutural do AAE demonstra que esse texto apresenta uma organização precisa de informações; entretanto, somente organizar procedimentos de uma pesquisa não é suficiente; o autor deve fazer com que seu leitor entenda e aprove seu trabalho.

Enfim, os gêneros discursivos produzidos pela comunidade acadêmica possuem características particulares, convencionalmente determinadas, que constituem fatores restritivos na definição da sua forma em cada situação comunicativa, ou seja, a estabilidade de um gênero, por isso, é garantida em larga medida pela sua *estrutura interna convencionalizada*, que é, segundo Bhatia (1993), *apud* Bezerra (2006), “resultado cumulativo da experiência e/ou do treinamento dentro da comunidade de especialistas”.



## 2 Metodologia

Baseamo-nos nos enquadres teórico-metodológicos do Modelo *CARS* de Swales (1990) em *corpus* de AAE's, selecionados aleatoriamente em um Curso de Letras (Língua Portuguesa e Literaturas). Nesta pesquisa, basear-nos-emos essencialmente em Bakhtin (1997) e Swales (1990). O primeiro teórico porque é, de certo, referência indispensável para os estudos dos gêneros, pois ele é fundador da denominação gênero do discurso.

E o segundo autor pelo fato de nos oferecer uma abordagem teórica para definirmos critérios para análise de gêneros discursivos e de comunidade discursiva (SWALES, 1990); para revermos as características de comunidade discursiva (SWALES, 1992, 1993, 1998), e do papel do propósito comunicativo no reconhecimento de gêneros (ASAKEHAVE; SWALES, 2001<sup>7</sup>; SWALES, 2004).

E, por fim, aplicamos o modelo *CARS*<sup>8</sup> (SWALES, 1990) em um *corpus* de exemplares de AAE's coletados dos alunos do nono semestre do Curso de Graduação em Letras, da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, no período de setembro de 2017 a janeiro de 2018.

Enfim, utilizamo-nos a *Teoria Dialógica de Discurso* (TDD)<sup>9</sup> de Bakhtin (1992) que se faz necessária para as análises de gêneros do discurso empreendidas nos estudos da língua(gem), textos e discursos nas sociedades pós-modernas. Primeiro, porque esse autor, além de fundar a denominação gênero do discurso fez também a caracterização dos aspectos que compõem os gêneros do discurso, como sendo: conteúdo temático; estilo e construção composicional, que são pontos primordiais para estudos que busquem descrever um gênero discursivo seja lá qual for. Nessa perspectiva bakhtiniana, compreendemos que os

<sup>7</sup> ASKEHAVE; SWALES (2001, p. 195-212).

<sup>8</sup> O *Modelo CARS* de Swales (1990) é conceituado, segundo Oliveira (2005), como “a forma de um modelo constituído de *moves* {movimentos} e *steps* {passos} (subunidades *moves*). Neste modelo, denominado modelo *CARS* (*creating a research space* [criar um espaço para pesquisa]) para introduções de artigos de pesquisa, Swales (1990) apresenta um quadro de categorias passíveis de aparecer em introduções de artigos de pesquisa. As categorias fundamentais, denominadas *moves*, mais genéricas, são preenchidas por subcategorias, às vezes optativas entre si, denominadas *steps*, sendo que para sua pesquisa adota as denominações utilizadas por Biasi-Rodrigues (1998), a saber: unidades e subunidades retóricas, por entender que tais designações evidenciam, de imediato, as complexas relações retóricas presentes em cada um dos *moves* e dos *steps* que compõem e caracterizam o gênero textual resumo acadêmico, seu objeto de estudo.

<sup>9</sup> Brait (2006, p. 10) explica que a “teoria dialógica do discurso” (TDD), sem uma definição fechada, o que seria uma contradição com o próprio conceito teórico, “[...] a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas”. Esse embasamento constitutivo diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas empreendidas por sujeitos historicamente situados.



gêneros são vistos como fenômenos contextualmente situados e construídos na interação comunicativa, sendo entendidos a partir de sua natureza sócio-histórico-cultural.

### 3 Análise de dados

Quanto as evidências de padronização e de flexibilidade na identificação das unidades de informação dos artigos acadêmicos experimentais (AAE's), apresentamos a distribuição das seções composicionais dos AAE's. Dessa forma, antes de distribuirmos as seções do *corpus* que selecionamos, devemos considerar que os artigos acadêmicos experimentais (AAE's), com base em Swales (2004), são aqueles que apresentaram como objetivo central a análise de dados de qualquer natureza e, portanto, apresentaram necessariamente a seção de Resultados e Discussão (BERNARDINO, 2007, p.120-3).

Vejam, agora, como se comportaram os 10 artigos acadêmicos experimentais analisados quanto à distribuição de suas seções textuais:

SEÇÃO AAE's	Introdução	Revisão de Literatura	Metodologia	Resultados e Discussão	Conclusão
AAE1	X	X	X	X	X
AAE2	X	X	X	X	X
AAE3	X	X	X	X	X
AAE4	X	X	X	X	X
AAE5	X	X	-	X	X
AAE6	X	X	X	X	X
AAE7	X	X	-	X	X
AAE8	X	X	-	X	X
AAE9	X	-	-	X	X
AAE10	X	-	X	X	X

**Quadro 2** – Distribuição das seções destacadas dos AAE's.

É plausível compreender através dos resultados acima que todos os exemplares de AAE's apresentaram seções destacadas para Resultados e Discussão. Os artigos AAE9 e AAE10 não apresentaram a seção destacada para Revisão de Literatura uma vez que os pressupostos teóricos estão na seção de Introdução e/ou inseridos na seção de Resultados e Discussão.

Este fato, possivelmente, deve-se segundo Swales (1990), a seção Introdução de AAE tem como um de seus objetivos contextualizar o ambiente teórico do trabalho, delimitando, assim, um território de





conhecimento a partir do qual os autores podem construir suas proposições e a partir do qual os leitores podem interpretá-las.

Portanto, como podemos perceber, todos os AAE's apresentaram informações teóricas, metodológicas e resultados de análise, mas metade desses artigos apresentou uma variação na distribuição das informações das respectivas seções, mostrando que há exemplares mais próximos e exemplares mais distantes do modelo *CARS* de Swales (1990).

Constatou-se nesse quadro anterior, uma considerável ausência das unidades 5 e 6 da seção de Metodologia dos AAE's analisados, uma vez que os produtores desses gêneros textuais do domínio discursivo acadêmico, ao escreverem, dão ênfase a essas informações metodológicas na seção de Introdução que visa apresentar e delinear os objetivos da pesquisa, citar pesquisas prévias e informar ao leitor métodos ou procedimentos que nortearam esta pesquisa.

Quanto aos contextos de produção e recepção dos AAE's, logo para se ter uma visão mais completa do AAE enquanto gênero discursivo, isto é, como uma das manifestações do discurso acadêmico e como ação retórica tipificada, procedemos, primeiramente, a uma análise panorâmica, ainda que sucinta, do contexto de produção e recepção dos AAE's.

Hyland (2000), *apud* Bernardino (2007), chama nossa atenção para o caráter fundamentalmente interativo da produção acadêmica ou profissional, afirmando que isso nos leva a ver a escrita como um engajamento em um processo social no qual a produção do gênero reflete metodologias e estratégias sociorretóricas projetadas para moldar apropriadamente contribuições disciplinares.

Desenvolvendo, pois, um ambiente de leitura convincente envolve a evidência de convenções disciplinares e genéricas específicas tais como "o artigo publicado é um híbrido multifacetado coproduzido pelos autores e pelos membros do público ao qual é dirigido" (KNORR-CETINA, 1981, p.106). Isto quer dizer que as representações textuais, em outras palavras, são socialmente mediadas, influenciadas pelas comunidades às quais escritores e leitores pertencem (HYLAND, 2000, *apud* BERNARDINO, 2007, p. 34).

Além do mais, em relação a uma organização sociorretórica do artigo acadêmico experimental (AAE) apontamos que esta pesquisa, em Análise de Gênero (AG), tradicionalmente investiga os padrões retóricos recorrentes que podem dar conta da configuração de um AAE, ou seja, o objetivo, a natureza e a organização da informação no texto. A partir disso, pesquisadores têm proposto modelos descritivos, identificando traços linguísticos relacionados a macro (organização do gênero em estágios textuais abrangentes) e microestrutura (os elementos do sistema léxico-gramatical que realizam esses estágios) desses textos em diferentes disciplinas (HENDGES, 2001).

Dessa forma, a academia com suas práticas de redação, publicação e leitura de textos acadêmicos, que possibilitam a interação entre pares, constitui-se em uma das esferas de atividade humana. Enquanto universo de interação, a academia abrange várias comunidades formadas por membros de diferentes disciplinas. Ainda que as práticas discursivas dessa comunidade – suas atividades institucionais de produção,



distribuição e interpretação de textos (FAIRCLOUGH, 1992) – sejam moldadas por convenções da língua e da estrutura social, elas podem agir sobre a estrutura no sentido de reproduzi-la ou de transformá-la (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999).

A partir dos postulados de Motta-Roth (2002b) e Bernardino (2007), entendemos que o artigo acadêmico experimental é o gênero discursivo mais recorrente para a produção e divulgação de conhecimento na comunidade acadêmica, pois tem como objetivos básicos apresentar e discutir resultados de pesquisas ou ainda apresentar revisão de literatura da área. É importante ressaltar, porém, que a posição hierárquica de um gênero irá variar em diferentes práticas disciplinares (SWALES, 2004).

Ainda segundo Motta-Roth (2002b), ao produzirem e publicarem exemplares do gênero, os autores buscam construir, frente à comunidade acadêmica, a identidade de um pesquisador capaz de refletir sobre estudos relevantes para um campo de pesquisa e, a partir daí, pontuar um problema ainda não totalmente estudado neste campo, elaborando articulações teóricas e metodológicas para a investigação deste problema.

Então, a partir da análise de 10 AAE's, escritos por alunos do 9 semestre de uma turma de Graduação em Letras, foi possível definir um padrão da organização retórica dos artigos acadêmicos experimentais compostos de nove unidades e trinta e cinco subunidades sociorretóricas recorrentes. Conforme apresentamos na figura 2 a seguir. Estas unidades se realizaram de diversas maneiras nos diferentes AAE's, o que revela que as suas subunidades não precisam se realizar todas ao mesmo tempo, ao contrário, o que é prototípico no gênero é seu caráter, representado na figura abaixo pela expressão "e/ou".



INTRODUÇÃO	<p><b><u>UNIDADE RETÓRICA 1: ESTABELE CER O TERRITÓRIO</u></b></p> <p>Subunidade 1 - Justificando a importância da pesquisa e/ou            Subunidade 2 - Fazendo generalização/ões quanto ao tema selecionado e/ou            Subunidade 3 - Revisando a literatura (pesquisas prévias)</p>
	<p><b><u>UNIDADE RETÓRICA 2: ESTABELE CER O NICH O</u></b></p> <p>Subunidade 1A - Contra-argumentando ou            Subunidade 1B - Indicando lacuna/s no conhecimento ou            Subunidade 1C - Provocando questionamento ou            Subunidade 1D - Continuando a tradição</p>
	<p><b><u>UNIDADE RETÓRICA 3: OCUPAR O NICH O</u></b></p> <p>Subunidade 1A - Delineando os objetivos ou            Subunidade 1B - Apresentando a pesquisa            Subunidade 2 - Apresentando os principais aspectos do tema selecionado            Subunidade 3 - Indicando a estrutura do artigo</p>
REVISÃO DE LITERATURA	<p><b><u>UNIDADE RETÓRICA 4: SITUAR A PESQUISA</u></b></p> <p>Subunidade 1A - Estabelecendo interesse profissional no tema ou            Subunidade 1B - Fazendo generalizações do tema e/ou            Subunidade 2A - Citando pesquisas prévias ou            Subunidade 2B - Estendendo pesquisas prévias ou            Subunidade 2C - Contra-argumentando pesquisas prévias ou            Subunidade 2D - Indicando lacunas em pesquisas prévias</p>
METODOLOGIA	<p><b><u>UNIDADE RETÓRICA 5: DESCREVER O CORPUS</u></b></p> <p>Subunidade 1 - Especificando o <i>corpus</i> e/ou            Subunidade 1.1 - Especificando o tamanho ou            Subunidade 1.2 - Especificando o gênero ou            Subunidade 1.3 - Especificando a área investigada ou            Subunidade 1.4 - Especificando a fonte de coleta ou            Subunidade 2 - Justificando a escolha e/ou            Subunidade 3 - Descrevendo a coleta do <i>corpus</i></p>
	<p><b><u>UNIDADE RETÓRICA 6: DESCREVER AS CATEGORIAS DE ANÁLISE</u></b></p> <p>Subunidade 1A - Especificando as categorias de análise ou            Subunidade 1B - Descrevendo os procedimentos ou</p>
RESULTADOS E DISCUSSÃO	<p><b><u>UNIDADE RETÓRICA 7: DISCUTIR OS RESULTADOS</u></b></p> <p>Subunidade 1 - Recapitulando os aspectos metodológicos e/ou            Subunidade 2 - Apresentando as descobertas da pesquisa e/ou</p>
	<p><b><u>UNIDADE RETÓRICA 8: AVALIAR AS DESCOBERTAS</u></b></p> <p>Subunidade 1 - Explicando os achados e/ou            Subunidade 2 - Comparando as descobertas com a literatura e/ou            Subunidade 3 - Resumindo os resultados alcançados e/ou</p>
CONCLUSÃO(ÕES)	<p><b><u>UNIDADE RETÓRICA 9: CONCLUIR A PESQUISA</u></b></p> <p>Subunidade 1A - Apresentando conclusão(ões) e/ou            Subunidade 1B - Relacionando os resultados à área investigada e/ou            Subunidade 2 - Apontando contribuição(ões) da pesquisa e/ou            Subunidade 3 - Apresentando as lacunas da pesquisa e/ou</p>

**Figura 2** – Proposta de descrição esquemática da organização sociorretórica de artigos acadêmicos experimentais, a partir da análise de AAE's de alunos concluintes do Curso de Graduação, em Letras da UECE, 2018.

Então, esta pesquisa ao basear-se em um *corpus* composto por 10 AAE's de alunos do Curso de Graduação em Letras, colhido nas atividades de pesquisa realizadas em disciplinas da Fafidam, conseguiu apontar e contextualizar a produção, o uso e a circulação desses gêneros discursivos acadêmicos nessa



comunidade discursiva a partir da descrição da organização sociorretórica dos AAE's, além de explicitar os propósitos comunicativos, os aspectos estilísticos caracterizadores e a estrutura composicional com a aplicação do modelo CARS de Swales (1990).

### Considerações finais

Dessa forma, embora não fosse o objetivo central de nossa investigação, acabamos por apresentar alguns aspectos que sustentam os posicionamentos conclusivos obtidos com o fim de formalizar um padrão de organização sociorretórica das unidades e subunidades presentes no *corpus* de 10 AAE's produzidos por esses produtores concludentes na academia. Sendo que há ainda poucos estudos no espaço das práticas de produção escrita de gêneros discursivos acadêmicos que tenham formalizado um modelo descritivo da modalidade de artigos acadêmicos que nos dispomos a analisar e a descrever de alunos concludentes do curso de Letras.

Estes foram os propósitos comunicativos destacados do *corpus* de 10 artigos acadêmicos experimentais desta pesquisa averiguamos que tais propósitos comunicativos por estarem dentro do contexto de produção e recepção da escrita acadêmica desses alunos foi resultado de uma marcante heterogeneidade devido não estabilidade relativa da estrutura composicional e dos aspectos estilísticos caracterizadores em contrapartida com as orientações da ABNT e Manuais de Metodologia da Pesquisa Acadêmica, sendo assim, os exemplares do *corpus* corresponderam aos propósitos mais recorrentes, conforme Bernardino (2007).

Pelas informações que nos foram dadas pela análise, ressaltamos que todos os exemplares de AAE's apresentaram seções destacadas para Resultados e Discussão. Os artigos AAE9 e AAE10 não apresentaram a seção destacada para Revisão de Literatura uma vez que os pressupostos teóricos estão na seção de Introdução e/ou inseridos na seção de Resultados e Discussão. Este fato, provavelmente, deve-se ao fato de que a seção Introdução de AAE tem como um de seus objetivos contextualizar o ambiente teórico do trabalho, delimitando, assim, um território de conhecimento a partir do qual os autores podem construir suas proposições e a partir do qual os leitores podem interpretá-las (SWALES, 1990).

Já os artigos AAE5, AAE8 e AAE9 não apresentaram tópico destacado para Metodologia, uma vez que as informações metodológicas foram apresentadas na seção de Introdução, fato que foi bastante evidenciado porque nesta seção as unidades e subunidades tiveram a maior flexibilidade no *corpus*. Outro fato interessante é que as seções Resultados/Discussão e Conclusão apresentaram grande estabilidade relativa de suas unidades e subunidades sociorretóricas, tendo em vista que os postulados teóricos que fundamentam, dizem que essas seções são recorrentes na composição textual de artigos acadêmicos experimentais.



Assim, percebemos que todos os AAE's apresentaram informações teóricas e metodológicas na seção de Introdução e na seção de Resultados e Discussão, bem como as Conclusões, mas 80% desses artigos apresentou uma variação na distribuição das informações das respectivas seções de Revisão de Literatura e Metodologia, mostrando que há exemplares mais próximos e exemplares mais distantes do modelo *CARS* de Swales (1990).

Examinamos ainda a ocorrência de alguns indícios de flexibilidade na distribuição das unidades retóricas e subunidades dos AAE's, ao fazermos os esquemas-síntese dos 10 exemplares do *corpus*. Assim como no exemplar AAE2 que apresentou a organização retórica com todas as seções textuais de um artigo acadêmicos experimental, que segundo Bernardino é organizado da seguinte forma: Introdução, Revisão de Literatura, Metodologia, Resultados/Discussão e Conclusão (BERNARDINO, 2007, p. 155). Analisamos seguindo o esquema-síntese os outros exemplares de AAE's: (AAE1, AAE3, AAE4, AAE5, AAE6, AAE7, AAE8, AAE9 e AAE10).

Ficou explícito a partir da análise das unidades e subunidades sociorretóricas contidas nas seções de Introdução, Revisão de Literatura, Metodologia, Resultados/Discussão e Conclusão(ões) do exemplar AAE2 que servem como referência para as observações que foram feitas nos demais AAE's. Com isso, o AAE2 apresentou unidades retóricas relativamente estáveis em consonância com o modelo descritivo de organização retórica que formulamos a partir da análise inicial do *corpus* de 10 artigos acadêmicos experimentais advindos da aplicação do modelo *CARS* de Swales (1990).

Após essa esquematização obtivemos uma frequência mais alta das unidades 1, 2 e 3 da seção Introdução dos AAE's, mas também a unidade 7 e 8 da seção Resultados/Discussão apresentou a maior incidência de recorrência no *corpus* desta pesquisa. Além da frequência de unidades e subunidades retóricas destas seções anteriores, obtivemos na Conclusão(ões) dos AAE's uma expressiva recorrência em relação ao número total de artigos acadêmicos experimentais selecionados, embora apresente alguma variação de recorrência em suas subunidades.

Feito isso, os percentuais das subunidades foram calculados também em relação a sua frequência em todas as unidades retóricas deste estudo. Logo, com os dados aqui mostrados, observamos uma considerável ausência das unidades 5 e 6 da seção de Metodologia dos AAE's analisados, uma vez que os produtores desses gêneros textuais do domínio discursivo acadêmico ao escreverem, dão ênfase a essas informações metodológicas na seção de Introdução que visa apresentar e delinear os objetivos da pesquisa, citar pesquisas prévias e informar ao leitor métodos ou procedimentos que irão nortear uma pesquisa.

Podemos, enfim, verificar ainda que essa criatividade de ausência de unidades e subunidades sociorretóricas constitui um indício de flexibilidade nas escolhas dadas pelos autores às unidades retóricas e subunidades que selecionam para compor os AAE's, esse fato pode representar a cultura acadêmica, que possivelmente é restrita a esse espaço de produção discursiva, ou pode ser resultado do (des)conhecimento



das convenções praticadas nesse domínio, tomados como parâmetros para a organização retórica de textos acadêmicos.

Concluimos com a realização desta pesquisa, a qual o nosso maior desafio foi formalizar um padrão de organização sociorretórica de AAE's dos alunos concludentes em um curso de licenciatura plena em Letras, tendo em vista o contexto de produção escrita e de divulgação entre seus pares foi, de fato, crucial, os quais conseguimos fazer uma organização sociorretórica dos AAE's do *corpus* e analisamos os aspectos formais e funcionais que os caracterizam, como: o propósito comunicativo, os aspectos estilísticos ligados ao uso de expressões e itens lexicais que são compartilhados entre os membros e não membros da comunidade acadêmica, a estrutura composicional e o contexto comunicativo-situacional de produção, uso e circulação desses gêneros textuais acadêmicos tão comuns atualmente nas práticas discursivas e de letramentos da academia.

### **The construction of a model of genre analysis experimental academic article (SEA): teaching, negotiating and sharing knowledge**

#### **Abstract**

This article aims to construct a model of critical analysis of genre (ACG), based on the description and sociorrethorical organization of the information, from 10 experimental academic articles (hereafter AAE's) written by students of the last semester of the Course of Letters. It is understood, at first, that EPAs are recognized as being one of the most prestigious genres in the production, distribution and consumption of scientific knowledge in universities (Swales, 1990, 2004, Motta-Roth, 1995; PAIVA, 2011, PAIVA, DUARTE, 2017), being associated to written genres that report some research carried out by its authors, culminating in the presentation of discoveries and in the discussion of theoretical and methodological questions (BERNARDINO, 2007). The implications of this research proved the need for a formalization in academic writing and in the socio-theoretical organization of the gender modality SEA that conjectured the context of production and reception in the university community regarding ABNT norms and writing manuals evaluated.

**Keywords:** Discursive Genre. Discursive Community. Sociorethoric Analysis. Experimental Academic Article.

#### **Referências**

ARAÚJO, A. D. **Lexical signalling: a study of unspecific-nouns in book reviews.** 1996. 250f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

\_\_\_\_\_. Práticas discursivas em conclusões de teses de doutorado. **Revista Linguagem em (Dis)curso**, volume 6, número 3, set./dez. 2006.

ASKEHAVE, I.; SWALES, J. M. Genre identification and communicative purpose: a problem and a possible solution. **Applied Linguistics**, v.22, n.2, p. 195-212, 2001.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucite, 1979.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal.** São Paulo: Martins Fontes, [1953] 1992.

\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1952-1953] 1997. p. 279-326.



\_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 2. ed. Trad. Paulo Bezerra). São Paulo: Editora Unesp, 2003.

BERNARDINO, C. G. **O metadiscorso interpessoal em artigos acadêmicos**: espaço de negociações e construção de posicionamentos. 2007. 243f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

BEZERRA, B. G. **Gêneros introdutórios em livros acadêmicos**. 2006. 256f. Tese (Doutorado em Linguística). Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

BIASI-RODRIGUES, B. **Estratégias de condução de informações em resumos de dissertações**. 1998. 211f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, 1998.

BHATIA, V. K. **Analysing Genre**: language use in professional settings. London: Longman, 1993.

BRAIT, B. "Análise e teoria do discurso". In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin** – outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

CAVALCANTI, M.C. Itens lexicais chaves como fios condutores semântico-pragmáticos na interação leitor-texto. In: FÁVERO, L.L. PASCHOAL, M.S.Z. (orgs.). **Linguística textual**: texto e leitura. São Paulo: EDUC, 1985, p. 171-184.

CHOULIARAKI, L. & N. FAIRCLOUGH. **Discourse in late modernity**: Rethinking critical discourse analysis. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

DODD, J. **The ACS style guide**: a manual for authors and editors. Washington, DC: Library of Congress in Publication Data, 1986.

FAIRCLOUGH, N. **Discourse and social change**. Cambridge: Polity Press, 1992.

HEMAIS, B.; BIASI-RODRIGUES, B. Princípios teóricos metodológicos para análise de gêneros na perspectiva de J. M. Swales. In: MEURER, V. L.; BONINI, A.; MOTA-ROTH, D. **Gênero**: teorias métodos e debates. São Paulo: Parábola, 2005.

HENDGES, G. R. **Novos contextos, novos gêneros**: a revisão de literatura em artigos acadêmicos eletrônicos. 2001. 126f. Dissertação (Mestrado em Letras). Santa Maria, Universidade Federal de Santa Maria, 2001.

HYLAND, K. **Disciplinary discourse**: social interactions in academic writing. Singapura: Pearson Education Limited, 2000.

KNORR-CETINA, K.D. **The manufacture of knowledge**. Oxford: Pergamon, 1981.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. (Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha). São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais: definição e funcionalidade**. In: DÍONISIO, A. P. et al. **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.



MOTTA-ROTH, D. **Rhetorical features and disciplinary cultures: a genre based study of academic book reviews in linguistics, chemistry, and economics.** 1995. 356f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

\_\_\_\_\_. **Redação acadêmica: princípios básicos.** Santa Maria: UFSM/Imprensa Universitária, 2001.

\_\_\_\_\_. A construção social do gênero resenha acadêmica. In: MEURER, J. L. & MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Gêneros textuais: subsídios para o ensino da linguagem.** Bauru: EDUSC, 2002. p.77116, 2002b.

OLIVEIRA, A. C. A. de. **Memorial Acadêmico: contexto comunicativo-situacional de produção e organização retórica do gênero.** 2005. 184f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: Universidade Federal do Ceará – UFC, 2005.

PAIVA, F. J. de O. **Artigo Acadêmico Experimental: uma análise da experiência de escrita de alunos iniciantes do Curso de Letras da UECE, campus Limoeiro do Norte (FAFIDAM).** 2011. 166f. Monografia (Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas). Limoeiro do Norte-CE: Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, UECE, 2011.

\_\_\_\_\_. ; DUARTE, A. L. M. Uma análise do artigo acadêmico experimental: as práticas discursivas e as experiências de escrita de alunos iniciantes do curso de letras. **Mosaico** (Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP), São José do Rio Preto, SP – Brasil, 2017, pp. 374-402.

SWALES, J. M. the function of one type participle in a chemistry text. In: BIASI-RODRIGUES, B.; ARAÚJO, J.C.; SOUSA, S.C.T. de. (Orgs). **Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales.** Belo Horizonte: Autentica Editora, p. 17-32, 2009.

\_\_\_\_\_. **Genre analysis: English in academic and research settings.** Cambridge: University Press, 1990.

\_\_\_\_\_. **Re-thinking genre: another look at discourse community effects communication, presented in Re-thinking Genre Colloquium,** Ottawa: Carleton University, 1992.

\_\_\_\_\_. Genre and engagement. **Revue belge de philologie et d'histoire,** v. 71, p. 687-698, 1993.

\_\_\_\_\_. **Other floors, other voices: a textography of a small university building.** Mahwah, N.J. Lawrence Erlbaum, 1998.

\_\_\_\_\_. **Research genres: explorations and applications.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

